

# A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara

Luísa Roxo Barja<sup>1</sup>

Resumo:

O artigo é resultado do acompanhamento do *site* Mídia Sem Máscara durante as eleições presidenciais de 2006, tendo integrado a pesquisa “O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha”. Tendo como foco principal o conteúdo relativo às eleições e ao governo de Lula presente no referido *site*, o artigo busca apreender a concepção de política nele manifesta e problematizar o discurso ali difundido, que pode ser tomado como exemplar de uma mídia alternativa conservadora e dissonante.

Abstract:

The article is the result of monitoring the website “Mídia sem Máscara” during presidential elections of 2006, as part of the research “O uso das novas tecnologias na ação política no Brasil e na Espanha”. With the focus on the content related to Lula’s government in the referenced website, the article seeks to seize the politics concept manifested in the site and problematise the speech disseminated in it, which can be taken as an example of a conservative and dissonant alternative media.

O Mídia Sem Máscara<sup>2</sup> é um *site* que vem desde 2002 dedicando-se à veiculação de artigos de forte cunho político sobre temas relevantes dentro da conjuntura nacional e internacional. O fato de assumir uma postura declaradamente direitista fez com que seu acompanhamento fosse especialmente interessante frente o cenário político da disputa presidencial de 2006, que culminou na reeleição de Lula. O presente artigo faz um registro do *site* neste período estabelecendo, assim, contraponto ao discurso vitorioso, e investiga a maneira bastante particular pela qual é configurado esse antagonismo em sua produção.

Partindo da premissa de que a cobertura da mídia é tendenciosa e fundamentalmente esquerdista, o Mídia Sem Máscara toma para si a missão de, como seu próprio nome indica, “desmascará-la”. De acordo com sua editoria (atribuída ao escritor Olavo de Carvalho, importante referência para os ideólogos de direita do país), “MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) com dissertação versando sobre a política na obra do poeta *beat* Allen Ginsberg. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política. E-mail para contato: luroxo@bol.com.br.

<sup>2</sup> [www.midiasemmas.com.br](http://www.midiasemmas.com.br)

esquerdista da grande mídia brasileira. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe amostras, que por si só, bastam para dar uma idéia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional”<sup>3</sup>.

Além de comentar fatos da atualidade, o *site* traz artigos de caráter revisionista, que se debruçam sobre a recente história brasileira e sobre regimes comunistas, especialmente. Seus articulistas estão “tão preocupados com os jornais velhos quanto com os jornais do dia” porque acreditam que essa mídia comprometida repercutiria sobre a cultura do país, que também seria dominada por uma perspectiva de esquerda. Invés de educação e informação, os brasileiros estão, para eles, recebendo propaganda política, e por conseqüência, “emburrecendo”, ainda de acordo com texto de apresentação supracitado.

É interessante notar que da crítica a uma mídia supostamente tendenciosa surja um *site* tão explicitamente parcial em suas considerações. Mídia Sem Máscara é, de fato, repleto de contradições, que serão abordadas mais adiante, por ocasião da análise de seu conteúdo. Para traçar seu perfil, contudo, talvez seja pertinente começar descrevendo a forma como é estruturado.

## **Estrutura**

Na ocasião da pesquisa<sup>4</sup>, a primeira página do *site* apresentava *links* para seus artigos mais recentes, havendo sempre um em destaque, que costumava ser acompanhado por uma imagem; abaixo dele se viam outros 8, organizados do mais recente ao menos recente, e abaixo destes havia o espaço “Artigos Anteriores”, com as chamadas para mais 10 artigos e para o arquivo do *site*. Todos os artigos publicados são datados, possuem *link* para uma breve apresentação do autor e são introduzidos por uma frase ou parágrafo que sintetize sua idéia principal.

---

<sup>3</sup> *Link* “Quem somos”, de redação de Paulo Diniz Zamboni e Gerson Faria.

<sup>4</sup> O artigo tomará como referência o *layout* da página durante o período observado, que evidentemente desde 2006 sofreu uma série de alterações.

A página tem o mérito de uma produção contumaz que se reflete numa atualização possivelmente diária (que resulta numa média alta de artigos publicados por semana, como será ilustrado adiante). Uma característica de seus articulistas é, assim, a rapidez com que respondem à conjuntura, o que faz com que o *site* repercuta e amplifique temas em pauta, estabelecendo ao mesmo tempo uma agenda paralela que foca mais determinados assuntos.

A barra superior do *site* era composta pelas seções “Home” (que retorna à página inicial), “Quem Somos”, “Articulistas”, “Arquivo”, “Mapas Visuais”, “Cartas”, “Contato” e “Links”. “Quem Somos” remete ao texto comentado no início do artigo, que explicita a proposta do *site* bem como sua linha editorial. Em “Articulistas” encontra-se uma listagem dos colaboradores fixos (que somavam 44, à época) com *links* para a apresentação de cada um também já citada, que inclui fotografia e os últimos artigos publicados pelo autor. O “Arquivo” possibilita a busca de material por data, mês, autor e palavra-chave. “Mapas Visuais” tem artigos que são acompanhados pelos referidos mapas, que funcionam como esquemas que apontam as conexões de um determinado tema; só havia então 2 arquivos nesta seção: um sobre desarmamento e outro sobre aborto e feminismo.

Assim como os artigos, as “Cartas” também estão dispostas em ordem cronológica. O número de cartas disponíveis para leitura variava de semana para semana, girando em torno de 20. A grande maioria delas elogiava os artigos publicados ou fazia comentários acerca dos temas presentes neles; algumas cartas traziam ainda *links* para *blogs* ou matérias de outros veículos de mesma postura política que o *Mídia Sem Máscara*, a título de colaboração. As vezes em que uma carta de tom pejorativo ao *site* era publicada, era quase sempre acompanhada de resposta fosse da própria editoria, fosse do articulista em particular a que se referisse. É assim que invés de figurar como espaço democrático para o debate, a interação com os leitores aqui assume um caráter de corroborar com as idéias defendidas pelo *site* – seja devido a uma aparente seleção de cartas favoráveis ou pela forma incisiva, muitas vezes rude de fato, com que as cartas contrárias eram recebidas.

Em “Contato” há o espaço para comunicação com o *site* e seus articulistas, sendo através daí enviadas as mensagens que poderão ou não, a critério da editoria, ser publicadas na seção de cartas. Os “Links” estão divididos em *sites* nacionais e

internacionais, cada qual com subdivisões para Mídia, ONGs, *Blogs*, *Think Tanks* e *Sites* Pessoais. Há um destaque de “MSM indica” para o *site* De Olho na Mídia (de perfil semelhante ao Mídia Sem Máscara, mas mais focado no noticiário internacional) e o *blog* Nota Latina.

Do lado esquerdo da página inicial há um artigo destacado como editorial, um espaço de cadastro para recebimento de boletim do *site*, um ícone de busca por palavra-chave e um menu com as 24 editorias do Mídia Sem Máscara<sup>5</sup>. O editorial não é atualizado com muita frequência, ficando por vezes mais de um mês no ar, e não traz artigos particularmente representativos das idéias do *site*; o que os diferencia dos demais é, na verdade, o fato de ser assinado por um coletivo (a Redação ou Editoria MSM). As editorias, por sua vez, são classificações temáticas dos artigos; é importante observar, contudo, que as classificações se interpenetram, gerando duplicidade de um mesmo artigo, que pode se localizar em mais de uma editoria.

Feita a descrição de sua estrutura, cabe afirmar que do ponto de vista da usabilidade pode-se considerar o Mídia Sem Máscara como um *site* de fácil navegação, que se baseia numa diagramação clara e simples e mantém o foco nos seus artigos. Não há excesso de informação e todo seu conteúdo pode ser facilmente acessado pelos menus disponíveis na página inicial. Não há ainda *links* em excesso ou cores e imagens que se destaquem: sua apresentação é praticamente toda branca, com detalhes em vermelho. Não há nada, enfim, que chame muito a atenção ou vá ocasionar uma demora no carregamento da página, sendo tudo pensado em função da leitura e menos do apelo estético. O apelo do *site* se traduz mais no formato sólido, no equilíbrio de assuntos que aborda, na agilidade e na forma com que o faz, com um acentuado uso de ironias, principalmente; é um apelo também localizado na escrita, em suma. A atualização frequente e o resumo inicial dos artigos, bem como a tradução de todos eles para o inglês que é disponibilizada na página, também são diferenciais nesse sentido.

---

<sup>5</sup> Eis a listagem delas, à época da análise: China, Cultura, Desarmamento, Desinformação, Entrevistas MSM, Estados Unidos, Europa, Foro de São Paulo, Governo PT, Gramscianismo (ataque à esquerda de forma geral, ou a características que os articulistas associam à esquerda), Israel, Jornal Velho (espaço privilegiado para artigos de cunho revisionista), Liberalismo e Livre iniciativa, Media Watch, ONU, Opinião MSM (arquivo dos textos da Editoria e Redação MSM, principalmente, sobre assuntos diversos), Oriente Médio, Painel MSM (coluna de autoria de Caio Rossi que consiste em comentários breves sobre assuntos variados da agenda midiática), Propriedade Privada, Saúde (que trata especialmente de temas polêmicos como aborto, drogas e homossexualismo) e Venezuela.

## Conteúdo

A quantidade de editorias no Mídia Sem Máscara, nas quais é perceptível a preocupação com a política externa que é bastante presente em seu conteúdo, é expressão do amplo espectro de assuntos abordados por seus colunistas. A diversidade não somente de temas, mas de tipos de artigos (alguns com tom mais pessoal, outros mais anedóticos, além da publicação de resenhas e entrevistas) não se traduz, vale ressaltar, em dispersão ideológica; ao contrário disso, é notável a coesão existente no *site*. Se pode haver contradições dentro do que sua postura representa, que de fato pode ser questionável em muitos aspectos, não dá para dizer que o *site* é inconsistente. Mídia Sem Máscara tem mesmo uma personalidade muito bem definida: é conservador, de direita (apesar de apartidário) e com uma inegável verve de denúncia a tudo que considera politicamente ou moralmente danoso à sociedade – ou em uma palavra, à esquerda. E é devido a esse teor da sua produção (de modo geral, já que há alguma variedade interna, de acordo com as tendências particulares dos articulistas) que se pode identificá-lo dentro de uma perspectiva “avaliativa moral”, como se procurará demonstrar na análise de seu conteúdo.

A uniformidade ideológica dá força ao *site* e reitera um posicionamento político inclusive, é claro, no que concerne às eleições. É importante colocar, contudo, que não obstante a densidade política do Mídia Sem Máscara, os artigos que tratam da disputa eleitoral representam apenas uma fração de sua produção, como se poderá perceber na tabela em anexo. A política presente no *site* não se limita, portanto, aos artigos que tratam explicitamente de governo, que constituem apenas um dentre os possíveis recortes políticos de análise; a verdade é que a grandeza de sua dimensão política reside numa interpretação homogênea de mundo que permeia todos os temas de que tratam, que corroboram em conjunto para a solidez da ideologia sustentada. E é considerando isso, bem como a pertinência para uma caracterização mais fundamentada da página, que este artigo busca um olhar mais amplo sobre seu conteúdo. Somente despendendo atenção sobre como se configura como um todo que é possível se aproximar da concepção de mundo ali contida, permitindo sua compreensão e problematização.

Nesse ponto, é pertinente introduzir a tabela da frequência de temas observados na análise do Mídia Sem Máscara, a partir da qual serão explorados textos que possam

ilustrar o posicionamento ideológico de seus articulistas. Essa planilha é decorrente de uma necessidade de classificação dos artigos de acordo com seu tema principal, dado o grande número publicado durante o período eleitoral, a fim de facilitar posteriormente a seleção dos mais diretamente relativos ao contexto eleitoral para uma análise aprofundada. Como consequência, ela contribui com a intenção expressa acima de proporcionar uma visão geral do discurso do Mídia Sem Máscara. Através dela é também possível perceber não somente a relevância da produção diretamente relacionada às eleições, mas a evolução da mesma ao longo do período, uma vez que os dados estão dispostos de forma temporal.

Para construção da referida planilha, foram elaboradas 15 categorias: Governo, Eleições, América Latina e Foro de São Paulo, Israel, Política Externa, Discussões Ideológicas, Regimes Comunistas, Movimentos Sociais, Economia, Meio Ambiente, Segurança Pública, Educação e Cultura, Ética e Valores Morais, Igreja, Mídia e Outros. As 2 primeiras são as que interessam especialmente a esta pesquisa. Em Governo encontram-se os artigos não só sobre a gestão de Lula, mas também sobre o próprio presidente e seu partido, e até por isso seu total é bastante expressivo<sup>6</sup>. Como será pormenorizado adiante, a ênfase destes artigos são os escândalos que pontuaram o primeiro mandato de Lula e uma crítica personalista a ele. A categoria Eleições engloba, por sua vez, os artigos que tratam mais propriamente da disputa eleitoral, incluindo comentários a respeito de outros candidatos (no caso, em particular de Alckmin, que se apresenta como a alternativa possível dentro da perspectiva ideológica de parte dos articulistas), a polêmica sobre o voto nulo (a alternativa para o restante dos articulistas), comentários sobre o eleitorado como um todo, sobre pesquisas de opinião, debates televisivos, propagandas eleitorais, a cobertura midiática e as expectativas quanto ao resultado das eleições.

Como já foi ressaltado como característico do *site*, o interesse também pela política externa é manifesto em 3 categorias: América Latina e Foro de São Paulo, temas que se complementam no Mídia Sem Máscara; Israel, que reúne basicamente os textos sobre os conflitos da região; e outros artigos sobre Política Externa, entre os quais se destacam os de crítica à ONU e sobre terrorismo. Sob o ponto de vista da

---

<sup>6</sup> Originalmente havia intenção de fragmentar essa categoria, mas à medida que a análise era realizada essa idéia mostrou-se inviável – normalmente esses assuntos estão mesmo relacionados, e na crítica generalizada do Mídia Sem Máscara é ainda mais difícil separá-los, eles se confundem completamente.

proposta aqui apresentada, os artigos sobre América Latina são relevantes tanto por terem um peso considerável na produção do *site*, quanto pela relação que sublinham do Brasil com a conspiração comunista que pra eles constitui o Foro de São Paulo, preocupação bastante presente nos artigos do editor, em particular – Janer Cristaldo, ex-colunista do Mídia Sem Máscara, chega mesmo a classificar como obsessivo o interesse de Olavo de Carvalho sobre o assunto<sup>7</sup>.

A ascensão de governos de esquerda na América Latina e a disputa eleitoral em alguns países da região, incluindo o Brasil, contribuíram para intensificar essa preocupação. Para Carvalho, as conquistas eleitorais de partidos que considera de fato revolucionários, como o PT, constituem a primeira etapa de um iminente golpe conjunto que ameaça a democracia no continente, e é nesse sentido que essa categoria possui relação com o contexto eleitoral daqui – a possível vitória de Lula (definido por Carlos Reis como o gerente desse projeto comunista latino-americano) é um perigo a ser combatido, sendo a democracia o preço a ser pago caso ela venha a ser confirmada nas urnas<sup>8</sup>.

O temor excessivo dos articulistas diante da ameaça comunista, que beira o terrorismo e soa algo anacrônico nos dias de hoje, justifica ainda a categoria Regimes Comunistas, outro exemplo da ênfase dada à questão. Aqui também a tônica de denúncia permeia artigos que tratam em especial de Cuba e Fidel Castro, mas também dissertam sobre URSS, num esforço revisionista. Podem ser encontrados textos sobre comunismo também em Discussões Ideológicas, mas a forma como o assunto é tratado é neste caso distinta, daí a necessidade de uma categoria à parte: são artigos que se pretendem mais teóricos, e fazem considerações sobre a esquerda de uma forma geral,

---

<sup>7</sup> Em artigo para a revista virtual Baguete, onde explicita também a diferença que vai culminar no seu desligamento do Mídia Sem Máscara, Cristaldo coloca que “a influência decisiva do Foro de São Paulo – bem como a de Gramsci – na luta pela comunização do continente se tornaram dogmas para Olavo de Carvalho e seus discípulos. Ora, eu não acredito nem em Deus, nem no Espírito Santo, nem na Santíssima Trindade, nem na importância conferida a Gramsci ou ao Foro de São Paulo. Pelo jeito, sou cinco vezes ateu.” <http://www.baguete.com.br/colunasDetalhes.php?id=2316>

<sup>8</sup> Dois artigos são dedicados especialmente a sublinhar a ligação de Lula ao Foro de São Paulo, dentro do enfoque eleitoral privilegiado pela pesquisa. São eles: “Quem é ‘MAG’, novo coordenador da campanha de Lula?” (27/09) e “Lula no segundo turno: ‘Mensagem a Garcia’” (05/10). Segundo o último, “Marco Aurélio Garcia, ou MAG – o novo coordenador -, era até a pouco tempo o responsável pelo lado obscuro da política exterior do governo Lula. Enquanto o chanceler Celso Amorim representa o lado oficial, MAG era o homem que fazia o trabalho sujo – aquele trabalho que nenhum diplomata de carreira poderia fazer – de ser o responsável pela efetiva política exterior de Lula: A definida no Foro de São Paulo”. “Quem é ‘MAG’”, como o próprio título revela, também trata do coordenador da campanha da situação, indo ainda mais longe na caracterização do Foro de São Paulo, que de acordo com o autor apoiaria o terrorismo, o desenvolvimento de armas nucleares e teria ligações até com Saddam Hussein.

sobre liberalismo e conservadorismo, alguns deles trazendo inclusive princípios que norteiam essas posturas.

Seguem as explicações sobre as demais classificações que integram a planilha: a categoria Movimentos Sociais é mais ampla do que seu nome pode sugerir, englobando desde artigos que tratam de movimentos de fato, como o MST, até os cuja temática são políticas sociais, como cotas para negros, passando pelos que polemizam questões sociais como o aborto; em todos os casos, os textos são bastante depreciativos, como se poderia esperar do perfil ideológico dos autores. Em Economia, destacam-se os artigos sobre política fiscal, que defendem a redução de impostos, e sobre a lógica de mercado e suas implicações, além de comentários pontuais nessa área. A categoria Meio Ambiente é caracterizada por textos que buscam relativizar a preocupação ecológica em voga atualmente, como os que rechaçam o impacto do aquecimento global tão alarmado na mídia e por pesquisadores.

Em Segurança Pública estão os artigos que tratam de criminalidade e violência. A discussão aqui é focada basicamente nas penas e movida por um sentimento de indignação que permeia também a crítica aos direitos humanos e a uma perspectiva distorcida da criminalidade atribuída à esquerda – que, segundo eles, protege os infratores ao justificar seus atos pelo contexto social. A categoria Educação e Cultura mantém a tônica negativa da crítica do *site* em textos que se dispõem a analisar a qualidade dos referidos aspectos na sociedade brasileira, muitos buscando evidenciar o viés esquerdista que os perpassa. Ética e Valores Morais também compreende artigos que debruçam sobre a sociedade, mas aqui o destaque são os que se dedicam em particular à corrupção. Na verdade, essa categoria é centrada nos valores morais que o Mídia Sem Máscara julga louváveis ou reprováveis, e a inclusão da ética neste contexto é dirigida mais a uma crítica generalizada à classe política que é costumeiramente identificada como desprovida de ética enquanto ideal *moral*. Essa confusão de conceitos é inclusive tema de um artigo, sendo determinante na diferença que vai marcar, e posteriormente culminar no rompimento, de Janer Cristaldo dos outros articulistas do *site*.

Dado o número de artigos que envolviam temas relativos à fé e religião, particularmente à Igreja Católica, há uma categoria que os contempla, e que no período tem como maior destaque a repercussão a uma polêmica declaração que o Papa fez

sobre os mulçumanos. Encerram a planilha os artigos relativos à Mídia, que de forma geral dão vazão à missão do *site* de denunciar a falta de neutralidade dos meios de comunicação, mas que também incluem casos de apoio a veículos com os quais se solidarizam, como o Primeira Leitura, que logo no início do período de acompanhamento encerrou suas atividades. Aqui encontram-se ainda os artigos em que Olavo de Carvalho expressa sua revolta frente ao que identifica como censura à sua produção por parte de jornais que negam publicá-la.

O conteúdo do Mídia Sem Máscara foi assim classificado tendo como base o tema principal de cada artigo, mas evidentemente muitos desses temas poderiam ser combinados e o são, só não foram dispostos aqui desta forma para evitar que um mesmo artigo fosse considerado mais de uma vez. A proposta revisionista do *site* é um exemplo extremo disso; ela atravessa mesmo todas as categorias, de forma que não seria possível analisá-la em separado.

A tabela construída evidencia que o amplo espectro de assuntos contemplado pelo Mídia Sem Máscara é explorado de forma equilibrada. De forma geral, as categorias mantêm uma média na participação do *site*; se em alguns momentos esse número tem uma variação maior é não só devido a um acontecimento pontual que interfira na agenda midiática, como foi o caso das declarações do Papa já comentadas, mas também porque muitas vezes há um debate interno entre articulistas que acaba “prolongando” a incidência de determinado assunto em pauta, como ocorreu por ocasião da publicação de um artigo sobre vacinas – foi inaugurada uma polêmica sobre a necessidade/pertinência ou não da vacinação de crianças que acabou por envolver diversos articulistas e render vários artigos.

Dentro desse espectro de temas é inegável a forma como governo e eleições se sobressaem, contudo. A incidência desses artigos, como demonstrado na tabela, chega a 30% do total de artigos publicados no período de análise. Essas duas categorias são as que têm maior participação no conteúdo do *site*, tendo peso muito maior que as outras, mas vale ressaltar que as outras duas categorias que se destacam a seguir, América Latina e Foro de São Paulo e Discussões Ideológicas, somam 15% do conteúdo analisado, sendo bastante relevantes também para o contexto eleitoral que orientou a pesquisa. De fato, a incidência dos principais assuntos abordados pelo Mídia Sem Máscara manifesta a definição de sua agenda e do caráter profundamente político que

possui. O esforço por discutir determinados tópicos e impor sua perspectiva sobre eles é inclusive reiterado na missão do *site*<sup>9</sup>, que explicita a intenção de interferir na agenda midiática dominante a partir das problematizações que realiza, ao mesmo tempo que inevitavelmente elas também ressoem essa agenda.

É interessante notar que a frequência dos textos sobre Governo e Eleições não apresenta grandes variações, mas é naturalmente mais acirrada à medida que as eleições se aproximam. Em julho e agosto, as semanas que tiveram menos artigos com essa temática tinham 1 ou 2 artigos (lembrando que a média de artigos por semana no período de observação foi 18); em setembro esse número sobe pra 3 e 4; e em outubro, às vésperas da eleição, chega a 5. No outro extremo, destaca-se a primeira semana de novembro, que justamente repercute a eleição, com 10 artigos sobre essa temática de um total de 17 publicados – e através da planilha pode-se perceber que esta semana não é a única dentro do período com número de tamanha expressão. Mais adiante esse material será analisado em seus desdobramentos; por ora, vale ressaltar alguns pontos observados sobre o conteúdo de forma geral durante o período acompanhado, visando seguir no objetivo de apreender o sentido e a postura política do *site*.

Já foi dito que uma característica marcante do discurso do Mídia Sem Máscara é o uso de ironias. Involuntariamente, esse recurso acaba se fazendo presente também num retrospecto da posição de seus articulistas quanto aos princípios políticos que expressam em sua produção. É corriqueira, nos artigos em que se dedicam a diminuir a esquerda, a acusação de que Marx e seus discípulos incorrem antes de mais nada numa “profissão de fé” – acusação essa que se estende também à militância petista, que tem assim origem no mesmo tipo de paixão que acomete o torcedor de futebol, sendo alheia a qualquer princípio de razoabilidade. O *site*, entretanto, é ele mesmo a maior manifestação de profissão de fé – inclusive no sentido literal do termo, já que não é desprezível a quantidade de artigos publicados que se atêm sobre religião, esse avatar do irracional, da paixão que criticam no comunista cego e cheio de moralismo bem-intencionado.

---

<sup>9</sup> No link “Quem somos”: “A simples enumeração desses temas ausentes na nossa imprensa já basta para provar: na grande mídia brasileira não existe jornalismo nenhum. Existe apenas manipulação a serviço da esquerda”.

Isso porque da mesma forma que a esquerda que criticam, os articulistas do *Mídia Sem Máscara* proclamam suas certezas como verdades absolutas e dedicam-se tão somente à fundamentação dessas verdades e à defesa de seus valores; cabe lembrar que a motivação do *site* tem esse sentido, de descortinar a realidade tal como é difundida nos grandes meios e apresentar uma outra interpretação, a “verdadeira”, no caso. Assumindo o discurso liberal que privilegia o indivíduo, os autores demonstram ainda um preconceito contra o ativismo, bastante evidente na categoria Movimentos Sociais, apesar de eles mesmos se constituírem como ativistas; a existência do *site* já é uma forma de ativismo, inclusive.

Ao perceber a ironia das similitudes entre eles e os militantes da esquerda serem maiores do que os autores talvez gostassem, a conclusão a que o observador chega é de que tudo se resume a opinião, apesar dos esforços para legitimar a validade dos escritos. Mas não haveria mesmo espaço para o julgamento objetivo em uma proposta ideológica por definição, que sequer se pretende neutra. Efeito disso é que apesar de basearem-se sempre em argumentos racionais e se orgulharem disso, os articulistas do *Mídia Sem Máscara* não abrem mão da defesa de sua moral, que claro, é sempre melhor do que a do outro. Daí nasce o grande conflito interno do *site*: ao mesmo tempo que reforça a liberdade de opinião, tem uma postura moralista diante da homossexualidade, por exemplo. Eis o contra-senso de defender por um lado o individualismo, e por outro querer impor sua moral – imposição essa que é, aliás, dos maiores motivos da crítica à esquerda que fazem, que inúmeras vezes acusam de arrogante.

A contradição maior do *site*, que se torna também seu ponto vulnerável, é, dessa forma, a oscilação entre liberalismo e conservadorismo – que é o que detona a saída de Janer Cristaldo. Cristaldo é um articulista que desde o início do acompanhamento do *site* se destacou por ter opiniões bastante divergentes dos demais não do ponto de vista da gestão estatal e das inclinações políticas, mas da liberdade individual que preza acima de tudo e vai justamente fundamentar sua opção política. Há uma coerência no seu liberalismo, que não se limita à idéia do Estado menor: passa pelo direito ao aborto, por uma não-ingêrência religiosa, pela defesa do voto não-obrigatório. Essas questões de ordem moral, em especial a menção corriqueira a seu ateísmo<sup>10</sup>, geram controvérsia

---

<sup>10</sup> É interessante observar que o rompimento do autor com o *site* se concretiza em meio a uma série de artigos nos quais se propõe a analisar, a partir da resenha de um livro, a Opus Dei, poderosa facção da Igreja Católica, fazendo duras críticas às suas práticas conservadoras. Segundo Cristaldo em artigo já

junto aos leitores do *Mídia Sem Máscara* e passam cada vez mais a incomodar os outros articulistas do *site*, num desconforto explícito nos diversos momentos em que de fato estabelece-se um debate interno. A tensão finalmente ocasiona o desligamento do autor do *site*, denotando uma postura no mínimo paradoxal por parte da sua editoria, já que outra grande crítica que é feita à esquerda (e é inclusive apontada por Cristaldo posteriormente) é no sentido de ser anti-democrática ou pouco plural, reprimindo as vozes dissonantes de seus quadros.

Essa lacuna no pluralismo do *site*, no que concerne às tendências de seus articulistas, não chega a surpreender; condiz com o discurso maniqueísta que teu seu ponto mais perceptível nos artigos sobre o Foro de São Paulo. A clareza ideológica observada no início desse texto tem, afinal, também seu efeito negativo: os dois lados da moeda são aqui tão definidos, tão nítidos, que o *Mídia Sem Máscara* acaba por ironicamente tornar-se vítima de seu próprio discurso, quando a teoria da conspiração passa de recurso apelativo a ideologia do medo. A dicotomia reforça então o moralismo que enfraquece o *site*, contribuindo para que se tenha uma percepção mais superficial do que se poderia ter dele.

### **Análise dos artigos sobre o governo Lula**

Como visto anteriormente, grande parte dos artigos publicados no *Mídia sem Máscara* no período observado refere-se ao governo Lula ou à disputa eleitoral propriamente dita. Dada a impossibilidade de analisar artigo por artigo, tendo em vista o número expressivo dedicado ao assunto, neste momento do texto serão recuperados alguns pontos relevantes e recorrentes deste material, de forma a caracterizar, em linhas gerais, a postura do *site* diante do tema.

Os primeiros artigos lidos traçavam um paralelo entre a derrota do Brasil na Copa do Mundo, que acabara de acontecer, e o governo Lula, bem de acordo com o estilo irônico dos articulistas, que comparam o que chamam de “inconsistência moral” da política brasileira à postura mercenária dos jogadores de futebol, aproveitando para criticar ambos.

---

mencionado da Baguete, ele teria sido censurado (um artigo seu foi vetado) pela editoria do *site* sem maiores esclarecimentos e por isso optou por se desligar dele.

Já aqui se esboça o tom fortemente pejorativo com que o *site* se refere ao PT, que marca todo o período observado: na primeira semana de acompanhamento são publicados dois artigos contundentes a respeito do partido da situação, um apontando os perigos de um governo pautado pela “cartilha moral” do PT, que pretende a criminalização de condutas homofóbicas e a descriminalização do aborto, e outro atribuindo ao partido a série de escândalos que atingiram o governo e são costumeiramente explorados no *Mídia Sem Máscara*. O PT é sistematicamente associado pelos articulistas à falta de ética que criticam na política brasileira, e ainda à hipocrisia dos que por tanto tempo se apresentaram como “polícia moral” da política e agora são expostos em casos de corrupção. Mais do que o que identificam como “desgoverno”, o foco dos artigos sobre o PT é portanto um constrangimento de ordem moral, seja do ponto de vista da ética na política, seja das disparidades dos valores defendidos por ambos os lados.

A imagem mais forte nesse sentido é a do partido como quadrilha, que aparece em artigos como “Ou o Geraldo e o Serra dão um soco na mesa ou eu vou votar no Zidane” (25/09), “Todos os homens do Presidente” (29/09) e “A arte da acusação invertida” (03/10). O último, de autoria de Olavo de Carvalho, é o mais explícito na defesa do suposto envolvimento do PT com a criminalidade: “O PT está, sim, envolvido com narcotráfico e seqüestros, está envolvido com as Farc, com o MIR, com tudo quanto é bandido esquerdista no continente. Se ganha ou não dinheiro com isso, é indiferente. Ganha politicamente, e sabe que ganha. Isto já basta para qualificá-lo, acima de qualquer possibilidade de dúvida, como beneficiário de uma série interminável de crimes hediondos, como o partido mais criminoso que já existiu neste país”.

Aqui é importante abrir um parênteses para expor uma suspeita bastante ofensiva e séria levantada no *Mídia Sem Máscara*: a de que os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital, organização ligada ao narcotráfico) que afligiram São Paulo em meados de 2006 constituiriam uma manobra política do PT, visando atingir a administração do estado governado que fora governado por Alckmin, candidato da oposição à presidência. Isto é claro em “Eu sou zelite” (17/09): “três vezes o Geraldo subiu nas pesquisas, três vezes, por coincidência, o PCC atacou. Três vezes depois dos ataques, por outra coincidência, o Geraldo caiu nas pesquisas. Ter memória e saber somar dois mais dois, PT mais PCC nove fora PTCC, coloca você na zelite, candidatíssimo ao paredón”. “O que eles querem?” (14/07) contextualiza o episódio no

pleito paulista, defendendo que o alvo dos ataques era a candidatura de José Serra, que estava então com a vitória já assegurada pelas pesquisas eleitorais. “PCC e PT, mesmo combate” (15/08), por outro lado, busca aproximar o estilo de ação, por assim dizer, do PCC e da “escola das esquerdas”, inclusive no aspecto da linguagem empregada por ambos.

Seguindo a analogia que liga o PT à criminalidade, nada mais lógico que Lula ser apresentado como chefe da quadrilha. No resumo de “Ou o Geraldo e o Serra dão um soco na mesa ou eu vou votar no Zidane”, de Neil Ferreira: “Bandidos não merecem tratamento elevado. Muito menos o maioral do bando, que põe as mãos nos bolsos (os nossos), olha para o lado, assobia distraído, declara que num viu nada nem çabe di nada, pega o avião e some”. Aqui vale ressaltar o tratamento chulo concedido a Lula que é bastante corriqueiro no *site* – há inclusive vários artigos que empregam essa linguagem propositalmente errada como forma de fazer referência à acusação de ignorância feita a Lula, sempre tão explorada por segmentos da direita. O tratamento grosseiro dispensado à oposição é flagrante ainda no artigo intitulado “Inocente Inútil. E ridículo”, sobre o senador também reeleito Eduardo Suplicy. Mais adiante essa característica do *site* será vista em detalhes.

Uma ameaça maior representada pelo partido reside no seu caráter revolucionário já mencionado anteriormente neste texto. Os artigos “A política do tigre” (20/07), “O futuro de uma ilusão” (28/08) e “Por que chegamos até aqui?” (25/09) dão ênfase a essa questão. É novamente Carvalho, no primeiro artigo citado, que expõe a irresponsabilidade de eleger alguém comprometido com causas ilegítimas: “Todo partido revolucionário, isto é, todo partido que visa à transformação integral da sociedade, pouco importando se promete realizá-la por meios pacíficos ou sangrentos, é por natureza um partido desleal, que não quer nem pode continuar concorrendo normalmente com seus adversários no quadro constitucional vigente, mas necessita tirá-los do caminho de uma vez por todas para poder criar um novo quadro, construído à imagem e semelhança dele próprio. Por definição, todo partido revolucionário coloca seu programa de ação acima da legitimidade constitucional que lhe dá os meios de realizá-lo. Esperar lealdade, honestidade, idoneidade de um partido revolucionário é tão imbecil quanto implorar piedade a um tigre esfomeado”.

José Nivaldo Cordeiro está especialmente preocupado, em “O futuro de uma ilusão”, com o comportamento do PT após as eleições<sup>11</sup>, e ressalta o papel da dominação cultural pela esquerda (que identifica como uma “lavagem cerebral”) e de políticas sociais como o bolsa-família (identificadas como suborno eleitoral) para a vitória que já se desenhava de Lula. Já “Por que chegamos aqui?”, artigo de autoria da editoria do *site*, busca apontar caminhos para breçar o “voluntarismo revolucionário” petista, corroborando com a tese de dominação levantada por Cordeiro: “O Mídia Sem Máscara pergunta: afinal, o que mais é preciso para que se entenda, de uma vez por todas, que o PT é um partido de cunho totalitário, que não pode ser compreendido através dos métodos tradicionais de avaliação política? (...) Diante de um quadro de tal gravidade, fica comprovado que a crença na via político-eleitoral como o único caminho para enfrentar a crescente onda de totalitarismo instalada na política nacional, sem atentar para a premente necessidade de um combate cultural maciço contra as verdadeiras fábricas de formação de opinião que dão sustentação aos elementos desse totalitarismo, é não apenas completamente irrealista, mas também criminosa”.

Se não faltam artigos sobre o PT, também abundam os sobre Lula. Ao focar a falta de ética e os escândalos do governo, “Um período de chafurdo Lulapetista” (12/10) intermedia os dois assuntos, criando um neologismo para definir a “ideologia da sem-vergonhice, usada por um bando de quadrilheiros, assaltantes do erário público nacional e de todos os brasileiros auto-enganados”. Segundo o resumo do artigo, “o lulapetismo é um caso peculiar que por sua natureza chula, jactanciosa, mentirosa e dissimulada merece os quadrilheiros que o acompanham”. O texto continua: “Só um caráter típico dos citados pode explicar a logorréia que os domina, insensível aos padrões da decência e do decoro – são imorais e arrogantes, tal qual o ‘nada sei que tudo sabe’ que os lidera”. Lula é chamado ainda de arrogante, imoral iletrado e “hipócrita analfa”.

Quando o alvo dos artigos é o candidato do PT à presidência, a abordagem do *site* é de fato mais personalista, sendo conseqüentemente mais presentes as expressões grosseiras comentadas, que acabam por emprestar um tom de superficialidade às críticas promovidas. “Seremos como o Lula” (13/07) começa tratando do desempenho do Brasil nos exames de educação para então falar de Lula como mau exemplo nesta

---

<sup>11</sup> “O que poderá acontecer depois de fechadas as urnas? Sou pessimista. Acho que Lula e o PT sairão do armário em que esconderam seu voluntarismo revolucionário.”

área<sup>12</sup>; “Pesquisa eleitoral” (29/07) chama o presidente de demagogo, falastrão e inescrupuloso; “Os companheiros de D. Menas” (23/08), artigo sobre os envolvidos nos escândalos da administração federal, faz referência a Lula como “analfabeto impostor”; “Alckmin não merece” (24/09), como “bêbado de rodoviária”; “A memória do burro” (03/10) e “Triste país esse meu” (31/10), ambos de Cristaldo, também xingam o presidente<sup>13</sup>.

“O cúmulo do populismo” (18/10) endossa essa abordagem ao tecer crítica ao governo de Lula: “Lula é tão simplório que o que põem na boca dele na propaganda eleitoral ficaria ridículo e descabido em outra pessoa. Nele inspira uma certa piedade, como se estivéssemos diante de um mentecapto. Talvez aí esteja o seu segredo: parecendo um retardado mental capta a simpatia da massa idiotizada pela propaganda imbecil que tem sido a tônica da campanha do seu partido desde sempre”<sup>14</sup>, completando mais adiante: “alguém eleitor dele deve se envergonhar, vez que confirmar o voto nesse sujeito é passar um atestado de deficiência mental, se não no geral, pelo menos no plano político”. O ápice da injúria a Lula está, entretanto, em “O Príncipe das Trevas” (09/10), de Ipojuca Pontes. Crônica calcada na ironia típica do *Mídia Sem Máscara*, traz uma versão de inferno que tem Lula como satã, o “pai da mentira”<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> “Ora, nem o atual presidente da república, assim, em minúsculas, sabe fazer uma multiplicação dessa natureza, de dois dígitos (...) Lula é o símbolo maior da preguiça laureada brasileira”.

<sup>13</sup> Em “Triste país esse meu” Lula surge como analfabeto e bronco sindicalista; em “A memória do burro”, o resumo já anuncia “um presidente implicado em toda sorte de falcatruas, megalomaniaco notório, que mente a cada palavra que diz e se contradiz a cada instante”. As ofensas continuam ao longo do texto: “Que pobres diabos que se beneficiam de esmolas estatais votem no PT, isto também entendo. O que não se entende é ver pessoas adultas e bem informadas, intelectuais, funcionários públicos e professores universitários votando em um partido que nasce obsoleto, em um candidato tosco e semi-analfabeto. Pior ainda, que ostenta como virtude sua falta de instrução”.

<sup>14</sup> Outros dois artigos tecem comentários a respeito da imagem de Lula nas propagandas eleitorais. Em “Os erros de Lula” (13/10), Cordeiro afirma: “vi hoje o programa eleitoral dito ‘gratuito’ do horário noturno. Flagrantemente a produção do programa de Lula foi muito superior à de Geraldo Alckmin. Ele, Lula, vestiu novamente o gibão do ‘Lulinha paz e amor’ e sua voz produzida em estúdio torna-se como a de um contador de histórias infantis: terna, aveludada, um pai bondoso falando aos filhos obedientes. Foi didático em apresentar a xaropada que chama de programa de governo. E os depoimentos dos candidatos eleitos ou disputando o segundo turno declarando voto e apoio caíram muito bem. Não vi um erro sequer na produção, exceto na insistência em repetir mentiras óbvias e desnecessárias, pois se não houver fato novo do tipo do dossiê Tabajara ou algum erro grotesco nos debates ele possivelmente estará eleito, a dar créditos às últimas pesquisas”. Em “O futuro de uma ilusão”, artigo anterior também de sua autoria, Cordeiro identifica essa imagem como sendo a de uma personagem inventada pelo próprio Lula, uma enganação que “como Hitler, seduz as multidões”. Segundo o autor, esse fator “é, isoladamente, o mais determinante do fenômeno político marcante que será a sua reeleição”.

<sup>15</sup> Segue trecho do texto que contrapõe o cenário que cerca o diabo à ante-sala infernal: “Acreditem: o ambiente era o oposto do que se via lá fora, refrigerado e limpo, dotado de amplas salas, obras de arte e imensos salões. Num deles, de onde provinham estridentes gargalhadas ao som de um samba de pagode, o ambiente era rumoroso e festivo. De fato, entre demônios aloprados do primeiro escalão, se devorava um churrasco com substanciais nacos de costelas, picanhas, maminhas e filés sangrentos. Fiquei com água na

Todas essas ofensas têm a ver, na verdade, com o desprezo do *site* ao politicamente correto, postura da qual os articulistas muito se orgulham. As acusações graves e ataques pessoais denotam, mais que os argumentos para a divergência ideológica que os separam, um sentimento de superioridade que se traduz na apelação para desmoralização pura e simples do inimigo<sup>16</sup> – o que remete novamente à visão altamente maniqueísta que se contrapõe à ênfase dada ao seu poder argumentativo e à racionalidade.

Mas a comparação do Lula ao diabo poderia ser considerada apenas a mais incisiva das comparações feitas no *Mídia Sem Máscara*. Talvez tão surpreendente quanto essa seja o paralelo com Macunaíma, em “Tendência totalitária macunaímica” (01/09); já os com líderes políticos como Chávez, Perón e Stálin são mais comuns<sup>17</sup>. Vale ressaltar que o paralelo com Macunaíma se repete em “Macunaíma vai às urnas” (30/10), agora também associado ao eleitorado de Lula: “O Macunaíma, todavia, não é só um camarada moralmente flexível; também é indolente, voluntarioso, tem preguiça de pensar e se acostuma facilmente com conceitos bestiais como ‘ele rouba, mas faz’. Tem um profundo medo de mudanças - inclusive de mudanças para melhor - e muito facilmente se deixa seduzir pela oferta torpe de pequenas ou grandes vantagens pessoais. E alguém tem dúvidas de que esse perfil se enquadra com perfeição cartesiana ao modelo geral da esmagadora maioria dos brasileiros que reelegeram o Macunaíma-mór?”

Dentro dos artigos sobre a conjuntura nacional nada é mais usual no *site*, entretanto, que as repetidas alusões à corrupção no governo Lula, como essa análise inclusive já vem ilustrando. Boa parte dos artigos que foram objeto dessa pesquisa tinham alguma referência aos escândalos atribuídos ao PT e à falta de ética de seus

---

boca, pois não comia há 48 horas. ‘Não se iluda, nem se deixe levar pela gula’ - disse o poeta. ‘É carne humana, em especial de tenras crianças inocentes’”.

<sup>16</sup> Sobre a identificação desse sentimento com as chamadas elites, o próprio *Mídia Sem Máscara* o admite, no artigo “Eu sou zelite” (17/09) e ainda que o faça de forma irônica, o reforça: “quem me indigitou integrante da zelite ? Foi elle mesmo, foi o Lulla. Eu não sou sindicalista, o que nesse ‘governo’ já me coloca como suspeitíssimo de ser inimigo do povo. Eu sei ler, não sou analfabeto e entendo o que leio, não sou analfabeto funcional, o que nesse ‘governo’ me coloca como inimigo do Estado. Eu trabalho, pago uma fortuna de impostos, dou empregos formais com carteira assinada e direitos da CLT, o que nesse ‘governo’ me coloca como parte da minoria a ser extinta. Diferente da maioria do povo brasileiro, tenho memória, lembro-me de tudo” – e a partir daí, Neil Ferreira parte pra mais uma enumeração dos escândalos da administração petista.

<sup>17</sup> Vide os artigos “Stalinismo & Lulismo” (17/07), que mais uma vez enumera os envolvidos em escândalos do governo Lula e estabelece um paralelo entre a inocência de Lula e Stálin; “Segunda carta ao povo brasileiro” (17/09), que trata do Foro de São Paulo e do perfil de Chávez e Lula; “Lula Juan da Silva Perón” (12/10), sobre a agenda socialista de ambos os presidentes e o resultado desastroso da política populista; e “O falso mito” (16/10), que retorna à comparação com Perón e defende a tese de que Lula é um mito construído e reforçado pela mídia, além de novamente abordar os escândalos do governo.

partidários e dirigentes, alguns deles concentrando-se especificamente em um ou outro episódio: “Denuncismo esperado” (17/09) trata da divulgação pela revista Isto É do suposto envolvimento de Serra com a máfia dos sanguessugas, entendido aqui como manobra petista; “Liberou geral” (18/09) aborda o caso da confecção de cartilhas publicitárias do PT feitas com dinheiro público; “O Chefe” (22/09), dividido em duas partes, trata do mais comentado deles, o mensalão, a partir de trechos de um livro sobre o assunto disponibilizado na Internet.

Sobre os referidos escândalos, “O gabinete de Brasília” (29/06) enfatiza que “não foram apenas erros; foram crimes”, enquanto “A flor do lodo” (26/09) discute a apatia da população já habituada à corrupção política e a reação do PT e de Lula<sup>18</sup>. “Malandros & Otários” (18/09), por sua vez, estende essa crítica para uma generalização dos políticos, ao recuperar a imagem do malandro como tipo pitoresco que agora tornou-se o representante por excelência dessa classe.

Assim como em “A flor do lodo”, “As matriuskas do PT” (14/10) destaca a habilidade de Lula em se manter à margem dos escândalos que abalaram seu governo, sendo categórico na representação desse processo: “As falcatruas perpetradas pelo governo petista de Lula da Silva fazem lembrar as bonecas russas, as matriuskas. Assim como você ‘abre’ uma matriuska e aparece outra boneca dentro e outras bonecas vão aparecendo, sucessivamente, assim é o PT que é acusado, sistematicamente, a cada semana, de cometer mais uma irregularidade<sup>19</sup> (...) Nunca houve no Brasil um homem tão poderoso quanto Lula. Nem os generais-presidentes pós-1964 ousaram tanto quanto Lula ousa. Lula é um homem tão poderoso quanto Mussolini, tem os sindicatos na mão,

---

<sup>18</sup> “Esses escândalos, como sabemos, fazem agora parte do nosso dia-a-dia e atuam de modo semelhante àquelas vacinas para mordida de cachorro louco: são múltiplas, desagradáveis, doem na barriga, mas criam imunidade contra a raiva. As vacinas, porque produzem anticorpos; os escândalos, porque inconseqüentes, vão gerando insensibilidade. Só um mecanismo de completa dessensibilização poderia explicar a aceitação resignada das cataratas de lixo que brotam toda vez que se mexe em qualquer coisa neste governo (...) Vale qualquer coisa para evitar que o ‘saúva rainha’ seja atingido, porque isso seria fatal para o formigueiro e pela amostragem do caixa fantasma que circula em malas e cuecas, sempre será possível garantir uma vida tranqüila para súditos leais, bem comportados e com espírito de sacrifício”.

<sup>19</sup> O texto continua, em listagem apresentada também em outros artigos, enumerando os escândalos já citados: “A antepenúltima ‘boneca petista’ foi o caso da confecção de 5 milhões de exemplares de ‘cartilhas’ que apresentavam propaganda do governo. Ao custo de R\$ 11 milhões, suspeita-se que o material sequer foi impresso. A penúltima ‘boneca petista’ refere-se às negociações envolvendo um dossiê feito por Luiz Antônio Vedoin, o líder da ‘máfia das ambulâncias’ ou ‘sanguessugas’, que tentou vender à imprensa por R\$ 1,7 milhão para incriminar José Serra, então líder nas pesquisas para governador em São Paulo e, também, por tabela, arrasar de vez com Geraldo Alckmin. A última ‘boneca petista’ foi aberta por Diogo Mainardi em ‘Notícias da Itália’, revista Veja de 11/10/2006, pg. 115, que trata da denúncia de corrupção petista com a Telecom Italia. Hoje, quando a polícia prende uma gangue, há quase sempre um petista sendo indiciado: ‘Quando se vai ao submundo do crime, se encontra alguém do PT’ (Geraldo Alckmin, in Correio Braziliense, 17/9/2006, pg. 8)”.

uma penca de partidos ‘orgânicos’, a TV Globo e o chargista Chico Caruso, a Igreja ‘progressista’, a CUT, a UNE, o MST, o PC do B e outras falanges totalitárias que lhe dão sustentação firme de tal forma que, embora se denunciem casos de corrupção aos montes, em doses cavalares crescentes, Lula passa ao largo como se não tivesse nenhum tipo de responsabilidade pelas falcaturas cometidas por seus aliados políticos”. É importante constatar que o próprio *site* admite, contudo, que as denúncias de corrupção geraram desgaste pro governo e refletiram num desestímulo da militância petista (vide “Violas ensacadas”, de 17/07).

Aspecto especialmente interessante para o *Mídia Sem Máscara* é o pressuposto de que se parte de que o poder de Lula passa pela mídia, tal como é proposto pelo artigo citado. “Um grande eleitor” (02/09) exemplifica isso, ao denunciar “a bênção do Grupo Folha ao governo lulista” com base num editorial do jornal. Para Cordeiro, autor do texto, “os brasileiros estão órfãos de bons analistas na grande imprensa” e há unanimidade da mídia em favor da situação. “Alckmin vai perder porque a mídia não denuncia a corrupção e não a liga a Lula. Porque a mídia cala e ao calar induz os desavisados a sufragar a ‘quadrilha criminosa’. Enganam os brasileiros. Até a compra de votos deixou de sê-lo para tornar-se uma virtude, uma suposta bondade. Proclamo que está havendo no Brasil um estelionato eleitoral, sim”<sup>20</sup>.

É curioso notar aqui, assim como na missão do *site*, uma inversão da perspectiva de “perseguição” por parte da mídia, historicamente observada nos militantes de esquerda. “O enigma da opinião pública” (06/08) aprofunda os efeitos dessa mídia no contexto eleitoral buscando evidenciar a construção dessa esfera de opinião. “Um véu encobrindo o discernimento coletivo foi posto nas mentes”, coloca Cordeiro, para quem o coroamento da revolução gramsciana que se processou nas últimas décadas literalmente “pré-fabricou” uma opinião pública sob encomenda. Dois artigos elegem o Rio de Janeiro, onde Heloísa Helena aparecia na frente de Alckmin nas pesquisas eleitorais, como representante máximo dessa “lavagem cerebral” (“Esquerda Festiva Carioca”, de 01/08, e “Quando outubro vier...”, de 13/09).

---

<sup>20</sup> Aqui cabe destacar que a idéia de estelionato eleitoral é presente em outros artigos com sentido diferente, ao fazer referência a um suposto “parasitismo” da administração petista de levar o crédito por políticas iniciadas em outras gestões (vide “A pior das desonestidades”, de 17/10).

## Análise dos artigos sobre eleições

No que diz respeito, para além das críticas ao governo, ao presidente e ao seu partido, ao contexto de disputa eleitoral propriamente, as pesquisas eleitorais são tema de alguns artigos, entre eles: “Pesquisa eleitoral” (29/07), “A invisível metade” (28/08), “Quem não ajuda não atrapalha” (02/10) e “As pesquisas e a realidade” (19/10). Assim como no que concerne à mídia, há uma desconfiança por parte dos articulistas no quão manipuladas não seriam essas pesquisas – o último artigo sustenta mesmo que essa desconfiança é justificada “pelo simples fato de que os resultados da primeira pesquisa, feita após o primeiro debate do segundo turno, é um contra-senso incompatível com o senso comum de quantos assistiram a esse programa (...) Ora, se a opinião geral é que Alckmin se mostrou o melhor, como essa mesma opinião pode ter optado por aumentar sua preferência pelo pior?”.

“Quem não ajuda não atrapalha” endossa essa insegurança, problematizando ainda a influência das pesquisas na definição dos votos e dos investidores das campanhas, defendendo por fim a suspensão de sua divulgação<sup>21</sup>. Por outro lado, Percival Puggina busca responder ao questionamento inclusive de leitores do *site*, que dizem não conhecer nenhum eleitor de Lula a despeito dos institutos apontarem sua vitória, reconhecendo em “A invisível metade” que realmente essas pessoas estão fora de seu convívio social (e por extensão, dos que têm perfil semelhante ao do articulista), constituindo presas fáceis em seus currais eleitorais.

Outros artigos, além de “As pesquisas e a realidade”, repercutiram os debates televisivos que ocorreram por conta do pleito. A opinião generalizada dos articulistas condiz com a de Félix Maier no já comentado “As matriuskas do PT” sobre o debate da TV Bandeirantes (realizado em 08/10), que teria mostrado “um Alckmin muito superior a Lula, em todos os quesitos: apresentação pessoal, argumentação, refutação e até na retórica”. “Não minta, presidente!” (11/10) destaca a postura ofensiva de Alckmin, que

---

<sup>21</sup> “As pesquisas são as novas senhoras da democracia brasileira. Ano após ano, eleição após eleição, os institutos erram. Erram escandalosa, flagrante e desavergonhadamente. E, nem por isso, deixam de se apresentar no pleito seguinte, como arautos da vontade popular. Transformam cada eleição numa sucessão de suspeitíssimas eleições, influenciando a opinião pública e determinando votos com força infinitamente superior à qualificação dos candidatos, de suas mensagens e campanhas (...) Errar é humano. Errar como erram certos institutos de pesquisa é diabólico”.

no debate concentrara-se na exploração dos escândalos da administração de seu oponente, diante de um Lula titubeante. “O debate na TV Bandeirantes” (09/10) é mais incisivo neste quesito, bem ao estilo mais rude do Mídia Sem Máscara – o resumo do artigo já anuncia: “O debate na TV Bandeirantes permitiu ao público ver Lula por ele mesmo: um analfabeto funcional que não sabe português, um decorador de números que não sabe o que diz, um repetidor de slogan cujo conteúdo desconhece”.

E o texto de Cordeiro continua: “Lula não teve nenhum momento saliente contra Alckmin, ao contrário (...) Sua imagem de cara de ressaca, envelhecida como um barril de carvalho e com ar doentio dos consumidores habituais de álcool, era o oposto da jovialidade e da vitalidade de Alckmin (...) Lula não tem tutano para um enfrentamento cara a cara com alguém tão notavelmente superior, seja em termos intelectuais, seja em termos de experiência administrativa. Se o próximo debate da TV Globo tiver o mesmo feitiço e o mesmo resultado ousou afirmar que Geraldo Alckmin será o novo presidente do Brasil”. “A pedra de tropeço” (11/10) mantém o otimismo do artigo anterior, apostando na superioridade de Alckmin e na possibilidade de, com a sua vitória, serem interrompidos os planos revolucionários do Foro de São Paulo<sup>22</sup>.

Os elogios ao desempenho de Alckmin no debate contrastam, contudo, com as críticas realizadas também à oposição governista. Dois artigos de Carvalho ilustram uma insatisfação de parte dos articulistas de Mídia Sem Máscara especialmente com o PSDB: em “De quem é a festa?” (05/10) o autor protesta contra o “bom-mocismo”<sup>23</sup> e o descompromisso ideológico do candidato da oposição, que não divulga os planos do Foro de São Paulo. O PSDB é ainda retratado como parte integrante da esquerda: “o pouco de maquiavelismo impiedoso que se usou contra políticos esquerdistas nos últimos vinte anos veio sempre do PSDB, no fim das contas, ele próprio um partido de esquerda, sem qualquer divergência ideológica séria com os demais que vieram do berço comum, a resistência esquerdista ao regime militar”.

---

<sup>22</sup> Curiosa a forma como a autora Graça Salgueiro se coloca: “Para quem assistiu sem paixão, como foi o meu caso, ficou nítida a diferença entre um embusteiro palrador, mentiroso, artiloso e prepotente, como é o comunista Lula, do PT, e um homem sério, preparado, seguro no que afirmava”.

<sup>23</sup> “A esquerda quer e faz tudo para destruir seus adversários, arruinar sua reputação, excluí-los da política, derrubá-los de sua posição social e econômica e assassiná-los psicologicamente, de modo que percam até o desejo de se reerguer um dia. Eles, em resposta, contentam-se com disputar votos muito polidamente, muito delicadamente, com todo o cuidado de não ferir a dignidade do concorrente esquerdista e de preservá-lo intacto para as eleições seguintes”.

A apresentação da proposta do *site* pormenorizada no início desta análise já expunha esta concepção, na verdade. “Atualizando notícia de jornal velho” (09/08), que trata do Foro de São Paulo como a empreitada comunista do Brasil recente, também já reforçara a igualdade entre os partidos colocando que “foi FHC mesmo quem disse que a disputa entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT) é de cunho político, jamais ideológico. Portanto, limita-se à retórica eleitoreira numa disputa para alcançar o poder político. Somente os desinformados é que acreditam que socialismo e social-democracia são farinhas oriundas de sacos diferentes”.

O artigo “O chuchu que virou pepino” (10/10) não somente torna a criticar a indulgência do PSDB, como radicaliza essa perspectiva ideológica do *site* quando Carvalho sugere que há mesmo um acordo político entre PSDB e PT, levantando a hipótese de um revezamento no governo pré-estabelecido entre os dois partidos. O autor resume então a disputa eleitoral como um “campeonato de esquerdismo”: “fazer dos líderes tucanos a encarnação da direita nacional é evidentemente uma fraude. Se perguntarmos a quem beneficia essa fraude, a resposta é óbvia: beneficia por igual aos tucanos e petistas, ajudando-os a dividir o espaço inteiro da política nacional entre a ‘esquerda’ e a ‘direita da esquerda’”. O descontentamento com Alckmin e o PSDB chega a tal ponto que ao longo do período estabelece-se mesmo um debate interno em torno do voto nulo como alternativa mais adequada para os eleitores contrários a Lula.

“Obtusidade córnea ou má-fé cínica” (11/08) e “Voto nulo beneficia o caos” (09/09) são tentativas de desencorajar essa postura favorável ao voto nulo. Para o primeiro artigo, anular o voto é ser conivente; o voto nulo seria ainda parte de uma estratégia de redução do voto oposicionista<sup>24</sup>. “Voto nulo beneficia o caos” segue a lógica de que a corrupção endêmica no país gerou um desencanto justificado com relação à política, mas aponta para a infecundidade do voto nulo, buscando desfazer a tese de que as eleições poderiam ser anuladas caso eles ultrapassassem 50% dos votos, margem que o autor acredita que de qualquer forma não seria alcançada. Em contrapartida, “Armadilhas eleitoreiras” (16/08), escrito em resposta à “Obtusidade

---

<sup>24</sup> “Depois do banho de escândalos que vimos acompanhando, em que perplexidade sincera, decepção, horror e moral farisaica se misturam num amálgama intrincado, qual seria a tática para abordar os mais revoltados e sensíveis a um dos mitos preferidos entre nós: o de que ninguém presta? Com certeza os indignados, os decepcionados e outras viúvas das próprias ilusões, não votarão no apedeuta. Então, cumpre procurar que não votem no ‘outro’”.

córnea ou má-fé cínica”, defende a anulação do voto (“na última eleição tivemos quatro candidatos de esquerda; nesta são três. Não adianta tentarem me convencer que o Alckmin é um liberal”), assim como o fim do voto obrigatório como forma de evitar uma situação que leve a isso<sup>25</sup>.

“Alckmin não merece” (24/09) responsabiliza o governo Lula por um desmantelamento tal do Estado (com a destruição do Congresso e do Exército, a “institucionalização da bandidagem” e outras evidências, segundo o autor) que impossibilitaria uma oposição: “depois da Era Lula, o Brasil não tem mais condições institucionais para ser governado por partido algum, líder nenhum, que não esteja jurado de morte com a revolução socialista”. Efeito disso é a desarticulação conservadora bastante criticada no artigo: “nos poucos veículos à disposição dos nossos igualmente escassos conservadores, o que se vê é um deprimente festival de loucura, de fantasia, de uma militância patética que vê em Geraldo Alckmin o ‘mal menor’. Será mesmo menor? Se a palavra prudência tem algo a ver com conservadorismo, que sentido há em apoiar um candidato que pode, involuntariamente, acelerar o processo revolucionário no Brasil? Esqueçam Geraldo Alckmin, esqueçam as eleições. O PSDB não é digno de uma linha de apoio de conservadores de verdade”.

De fato, considerando as reservas com relação à oposição e seu iminente fracasso nas eleições, as perspectivas do Brasil não são muito positivas para os articulistas do Mídia Sem Máscara. Poucos são os que ainda apostam na virada do candidato tucano, como o faz Cícero Harada em “Culpa in vigilando” (21/10), pra quem o escândalo do dossiê sobre o PSDB poderia, caso as investigações não fossem concluídas (o que denotaria uma “operação-abafa” do governo), implicar num revés petista. Boa parte deles crê na reeleição de Lula e numa possível concretização de seus temores revolucionários, como expressa Paulo Saab em “Limites perdidos” (21/09): “A reeleição de Lula poderá significar, na cabeça do próprio e de outros de igual nível de compreensão e pensamento, que a vitória na urna eletrônica é o aval definitivo da

---

<sup>25</sup> “O voto obrigatório é uma armadilha que obriga a quem não encontra candidato de seu agrado a anular o voto, ou votar em branco ou se abster pagando uma irrisória multa de 1 a 10% do salário mínimo, a critério do juiz da Zona Eleitoral. É o que tem acontecido nas últimas farsas eleitorais e se repetirá na próxima onde teremos que optar entre um apedeuta a mando do Foro de São Paulo e um legume pau mandado do Diálogo Inter-Americano que visa fazer o que o seu mestre FHC começou: acabar com as Forças Armadas da América Latina visando um futuro Governo Mundial, por mando do Council on Foreign Relations, da Trilateral Commission, do Inter-American Dialogue e do Clube Bilderberg”.

população para a liberação de seu ‘demônio’ e rompimento explícito de qualquer linha de limites éticos, de atuação responsável e de respeito à lei”.

“Uma sinuca de bico” (26/10) coloca que se Lula ganhar as eleições seria possível, dada a somatória de escândalos atingiram sua gestão, que houvesse um *impeachment*; se perder, em contrapartida, haveria grande comoção por parte dos movimentos sociais que sempre apoiou, que seriam chamados às ruas e gerariam greves, violência e conseqüentemente, estado de sítio. Em “Sem novidades, exceto as piores” (31/10), Carvalho reforça o terrorismo das previsões futuras de seus colegas sob o ponto de vista da continuidade da política vigente: “Com a reeleição de Lula, o Brasil continuará sendo governado diretamente das assembléias e grupos de trabalho do Foro de São Paulo, sem a mínima necessidade de consultar o Parlamento ou dar satisfações à opinião pública; o direito da esquerda ao crime e à mentira, já exercido sem maiores restrições, será consagrado como cláusula pétrea da moral política nacional, e os que a infringirem se sentirão pecadores e réprobos; os representantes das Farc e do Mir continuarão circulando livremente pelo território onde vendem drogas e seqüestram brasileiros; os cinquenta mil homicídios anuais subirão para sessenta ou setenta, mas a liquidação de quadrilhas locais concorrentes da narcoguerrilha colombiana continuará sendo apresentada como vitória esplêndida da lei e da ordem; o MST continuará ditando a política agrária federal; e os empresários que não participem de mensalões ou esquemas similares continuarão sendo criminalizados pela Receita. Até aí, tudo será como antes, exceto do ponto de vista quantitativo, no sentido de que o ruim ficará incalculavelmente pior”. É o veredicto resumido da opinião do *site* sobre a gestão petista, que como o autor admite, certamente serve tanto à passada quanto serviria quanto ao porvir.